

VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

ESCRITÓRIO
RUA DO OUVIDOR

52 - Largo de - 52

CORTE

Trimestre
Semestre
Anno

5\$800
9\$00

Semestre
Anno

18\$000
21\$000
18\$000

PROVÍNCIAS



Sáida de bond de uma família no ponto da rua de Gonçalves Dias ac
tuamente.
A autoridade proibira as plataformas ao público para que as famílias podessem
entrar e sair livremente.
Com efeito! Não parece uma caçada!?

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 10 de Junho

Quando falei sobre o elemento servil, na chronica passada, disso reforciando-me aos membros dissidentes do partido conservador:

«Ela! senhores deputados, promovei quanto antes a scisão do Imperio. Fazoi douz grandes partidos: o do Norte e o do Sul, abolicionistas e escravocratas.

Os Estados Unidos n'hi estão para ensinar-nos como se resolvem estes problemas!»

Se não foram estas as palavras, foram pelo menos estas as idéas.

Pordém disse-o em tom da gracção, inteiramente convencido de quo as causas, por muito embaraçadas que andassem agora, estavam muito longe ainda de tão desgraciado caminho.

Inzellemente parece quo *faltei verdade a mentir*, por quanto já um órgão da imprensa da cibie, sempre o pri-moito a pescar na agua que se revolta, começou a pro-palar que era um facto consummado aquillo que horas anteriores eu apresentara como exageração caricata da actuali-dade!

Esse órgão, verdadeiro menino travesso que se apraz em brincar com o fogo, sustentou em suas columnas que o norte quer a emancipação e o sul a repello, e quo por isso só *quatro* deputados daquelle partido do Imperio votaram contra o governo e quo só *dez* destes votaram a favor.

Deixarei som commentarios a imprudencia imperdoavel de criar o vulgarizar um boato, que pôde ter consequen-cias tão funestas.

Não a censurarei, por ser ella de natureza tal que a si mesmo se condena.

Não procurarei tambem provar que os algarismos—quatro ou doze—acima citados, são tão falsos como quem se animou a inventar e divulgar esso boato.

Direi apenas o seguinte:

Dois de barato que seja real o que assevera o órgão da imprensa, a que há pouco me referi.

Dois de barato quo, com exceção de *quatro*, todos os de-putados noristas votassem com o governo, e com exceção de *dez* todos os sulistas votassem contra.

Que prova isso?

Prova quo o norte do Imperio quer a emancipação e que o sul a repello?

Não!!!

Não ha ninguem no Brasil, merô de Deus! que tenha os olhos assim tão fechados á luz da civilização.

Não ha ninguem que não comprehenda, que não sintia

que soona a hora em que este formosissimo Imperio deve arranjar do seus possantes homens a terrível tunica do Necessus, para tomar o lugar de honra que lhe compete ao lado das primeiras nações do mundo.

Não! Ninguem se opõe á emancipação!

Todos os corações a desejam, todas as bocas a pedem unisonas.

E se alguma causa não se faz n'esto ultimo quatrin-
to, foi, como muito bem disse o ilustrado Visconde de Itaborahy no voto quo deu no conselho do Estado em Abril de 1857, a porque era de mais alta inconveniencia mover uma questão, que tem de abalar profundamente os animos, enquanto durara a guerra do Paraguai.

Depois, portanto, da lucta travada com o final ditar-dor Lopes devia vir a emancipação, como vem o dia depois da noite.

E' essa uma necessidade indeclinável, a que nenhum de nós se pode furtar e a que nenhum de nós se furtá.

Não!

Ninguem repelle a emancipação! O sol do progresso illumina e vivifica com os mesmos raios todo este aben-
çoado terrão, desde o Amazonas até o Prata. Não ha porlanto razão alguma para que uma parte dello seja mais surda do quo a outra aos reclamos da civilisaçā;
nem o é!

A dúvida unica consiste no modo de emancipar.

O Norte, tendo plena confiança nos immonos re-
cursos deste paiz extraordinario (não extraordinário que hoje já quasi não sente os tortíveis effeitos da calamitosa guerra paraguaya) aceita sem susto o projecto do go-
verno.

O sul, mais timorato, arroceia-se delle; temo que a liberdade do ventre, realizada desde já, tragá conse-
quencias desastrosas, diminuindo sensivelmente, em um prazo muito breve, —as forças da laboura.

Por isso (e por que a oposição, que tudo transforma em arma politica, assolhou que quem appoiasse agora o ministerio ficava *ipso facto* obrigado a appoiar mais tarde seu projecto) maior numero de deputados do sul se pronunciou contra o governo e maior numero do norte a favor.

Eis em que se resume tudo!

Houve pois um erro, erro manifesto da parte da camara, antecipando na resposta á falla do throno uma discussão que só deveria ser feita posteriormente.

Houve isso, e mais nada.

E essa antecipação prova á toda a luz que a camara não sympathisa em sua totalidade com o projecto; po-
rém nuca que uma parte della repudiá a emancipação.

* *

Não quero deixar este assunto sem declarar, em alto e bom som, quanto sio... pouco decentes as gergalhadas com que mais de uma vez o grupo conservador dissidente, do braço dado com o liberal, fez estrugir as abluções da cámara, quando alguns deputados davam seu voto apoiando o governo.

Taes demonstrações só tem cabimento quando partem das galerias, onde ao lado de pessoas sisudas podem sentar-se individuos assalariados e sem educação.

Mas no recinto da cámara não as compreendo.

E monos comprehendendo ain'ta qao um representante da nação, esquecid' qd' qd' vo' nos seus c'llegas e a si proprio, s' afforte em dar toda a publicidade a semelhantes desmandos, n'rando-os, anonymous e in manifesta adulteração, mas folhas diárias.

Tal proceder é... [ponha aqui o leitor o adjetivo que lhe parecer mais conveniente. Se eu o fizesse, talvez não me podesse cobrir de sordemasiado severo].

Em ultima analyse a quem prejudicam manifestações semelhant's? Aos que ss' prestam a dal-as e não aos que são victimas della-, por quanto ninguem ignora qual a causa que as o ignora.

E para que o grupo dissidente, que dá hoje uma assuda, fosse amanhã recebido com outra, bastava sóment que os amigos do gov. eno quizessem descer até ahi.

Porém tranquillissim-se. Tal não ha de suceder.

Gracias a Deus!

Gracias a Deus resolveu a cámara municipal mandar jardinar o campo da Acclamação!

Gracias a Deus!

Ao Sr. Dr. Araujo Silva ficará a capital do imperio devendo esse grande melhoramento, ha tanto tempo reclamado pela salubridade publica e pelo embellecimento da cidade.

Gracias a Deus!

A planta approvada é dos Srs. Glazion e Fialho, os mesmos que so encarregaram da reforma do Passo Público, que ahí está os olhos de todos como uma eloquente prova da competencia de ambos esses cavalleiros para as obras desse genero.

Gracias a Deus!

Em outro qualquer paiz do mundo, no Industria ou na Siberia mosmo, quem desso tão boa cópia do si seria logo incumbido do ajardinamento de quantas praças tivesse o estadio. No Brasil as coisas decidem-se a contraria, por via de regra.

Por isso por-se do lado, ha annos, a planta de embellecimento do campo, apresentada pelos Srs. Glazion e

Fialho, o esperou-se quo se apresentasse em scena outro concorrente.

Appareceu um norte-americano, que nunca tinha dado antes a menor prova da sua competencia nessa especie de arte, e com elle contrataou-se logo a feitura de obra tão importante.

Foi preciso que o cidadão dos Estados Unidos *rouasse a corde* e que o benemerito Dr. Araujo Silva *insistisse* muito, para quo se cortasse o nó gordio, dando-se a Cesar-Fialho o que é de Cesar-Glazion.

Gracias a Deus!

Um apertado abraço no sympathico Dr. Araujo Silva!

Sa pudermos, daremos um dia na *Vida Fluminense* a crípia da planta do jardim do Campo.

* *

Outro abraço no incansavel Dr. Eiras, a cujos esforços devemos já não pequenos melhoramentos, o que conseguiu agora que o largo de S. Francisco de Paula tambem fosse ajardinado!

Querem ver o que hode acontecer no anno que vem? Muitos votantes hão de dizer lá com' sous botões:

— Ah! O Araujo Silva e o Eiras tomam a vereança sório? Procuram com empento melhorar a capital do Imperio? Por isso mesmo não voto neilles. Não gosto de gente tão zelosa. Foi a viagem à Eur' pa que os estragou. Estão impresentáveis!

E' o que ha de acontecer. Venha.

* *

Está anunciada para Setembro uma grande exposição de flores no Passo Público.

A idéa é excellente; mas para que produza todos os seus effeitos deve ser a exposição repetida posteriormente em épocas determinadas, de tres em tres annos, por exemplo, para que os particulares ossam com tempo preparar-se para o concurso.

Desfarto, se a primeira for pobre, as ou ras exposições poderão ser opulentas de pr. ductos.

Não sei porque designou-se o mes de Setembro. Sempre pensei que o da maior florescencia é o de Outubro.

Nesta exposição admitem-se todas as flores.... menos as de rhetorica.

Aviso aos palavrões!

* *

Na quarta pagina do *Jornal do Commercio*, parades metas com os annuncios do Alcazar e do Pavilhão, declarou-se um dia quo o producto de uma conferencia radical foi colido a.... não sei que.

Era um donativo de um conto de mil réis. *



Quem quiser ver o bicho tal qual se encontra nos vastos juncos da África,
dirija-se para a rua da Uruguaiana das 8 as 11 horas da noite
(Há sempre bond.)

O ventre livre!



Tia Joanna, vunçê me espelha como é que minha barriga fica livre?



Alguns senhores reconhecendo o inconveniente de ficarem suas escravas com a liberdade na barriga, empregaram este meio.



E depois de abandonar o ventre livre... (de ir onde quiser), juntarão as duas partes captivas e assim ficará resolvida a questão.



- Oh! grandíssima... etc! Pois tu te atreves a comer a empada que comprei expressamente para minha mulher!

- Meu Sínchê, pois agora minha barriga não está livre?



Ao que estão arriscados hoje todos os Romeo que pretendem libertar o ventre de suas Julietas!



Nas fazendas será abolido o casamento, e os que estiverem casados, serão imediatamente divorciados.



"Uma liberdade ainda pior de que a do ventre é a liberdade das mãos."



Outra, a liberdade de cabeça que ameaça nosso ventre apesar de ser verdadeiramente livre!



E a liberdade das jornais que... veja o jornal 2000! Isso é gratificante!

Não são essas liberdades mais respeitáveis do que a do ventre?

A.

Desejava muito que me dissessem que destino têm tido os dos tonões das *ruri nantes* que assistiram às outras conferências.

Ahi vem o grande Taborda!

Decididamente estamos em choio na quadra das celebrações.

Ainda bem não acabamos de applaudir uma, e já está outra entrando pela barra a dentro!

Bom vindas sejam todas!

A companhia lírica também aí está e promete estrelar-nos *Guilherme Tell* do immortal Rossini em 15 do corrente.

Rossi continua a contar as vitórias polas peças que representa.

O Gymnasio queima todos as noites muita *poldora inglesa* com o seu episódio da guerra franco-prussiana.

A Phoenix Dramática exhibiu pela primeira vez na quarta-feira um «xisto» opereta de Scribe — *O viceiro de Frei Avelino*, om que a atriz Eugenia Camata foi muito aplaudida e com razão.

No dia 18 deve subir à cena, também em primeira re-cita, no mesmo teatro, a opereta *Triumph as assens*, palavras do fertilíssimo France Junior (fertilíssimo em literatura, entendemos-nos) e música do Mosquita.

O S. Luiz anda á voltas com a *Canninha Verde*, que oi até agora propriedade exclusiva do Gymnasio.

Bem se vê que há molestias que pegam.

A. DE C.

— 3 —

Assunto de varlas côres.

Divertimentos em profusão, e accommodados a todos os paladares.—Ernesto Rossi.—Visita ao Lyrico na companhia do leitor.—Falsa-se do *Hamlet*.—*Os Turcos*.—O benefício de Gravenstein.—A companhia lírica.—Como Ordinam preparam o terreno.—A alegría de Valle, motivada pela proxima chegada do *Taborda*.—Os quarenta da Fachinelli.—Dona perguntas.—O Restauranti Manguini.—O estabelecimento de Anselmo & Irmão.

Poucas capitais da Europa tem atualmente, como a nossa tanto e tão variados divertimentos. Ha-os por ali á cada canto.

Desde o homem mais entusiasta pola literatura trascendental e pela música clássica, até ao mais desdulado apologista do drama moderno, da farça brulosa, e da *opera buffa*—devem todos estar satisfeitos.

Percorramos os teatros, meu leitor, e vejamos se é errada a minha associação.

Entramos no Lyrico: assistimos ás representações do *Xava* interpretado por Ernesto Rossi.

Saudemos o grande artista italiano, que voou desvendar-nos bellissimas d'arte até hoje desconhecidas entre nós. Applaudamo-lo ainda na maravilhosas criações do *Frei Luiz de Souza*, a immortal obra de Garrot, onde Rossi adivinhou, tal qual o pensara o poeta português, o carácter

ativo do fidalgio patriota, do marido modelo, e do pai extremoso —

Esperemos pela proxima exibição do *Hamlet*, anunciado para s. quinta-feira, com o filo que devem inspirar nos dous nomes celebres — Shakespeare e Rossi!

Digamos alto e bom som que Hamlet é o diamante mais claro da coroa do artista-rei, a tragédia onde em mais vasta escala elle mostra os inegociáveis recursos do seu genio, o trabalho onde se desenrolam, na cena do comitido sacerdotal, maravilhas de arte que já lhe valeram da imprensa europea a classificação de *único*!

E depois do termos feito tudo isto, meu leitor, depois de termos pago a Ernesto Rossi o tributo de admiração sincera e desapixonado a quem só tem direito os eleitos de Deus — lancemos um olhar polos outros teatros e vejamos o que se faz e o que está para fazer-se.

No teatro francês representa-se com verdadeiros successos a opera a que Cremieux e Hervé deram o nome de *Turcos*.

Um suíto ambicioso e atolimado resolvo dar cabo do irmão. Este, porém, calhe nas brasas grãcas da sultana favorita, sob a sua lâmpada depois do reinho combate entre turcos... de berm vermelha e saíto curto... e soldados... do camisão branco e barrete d'algodão.

O poema conta pílharias de bom gosto, e situações perante as quais não é possível sustentar o riso. Na musica ha trechos de uma extravagância descomunal a par de outros, onde se revela certa inspiração e verdadeiro conhecimento pratico do tratado de *harmonia*.

A direcção faz pola sua parte quanto ora possivel fazer-se para garantir o exito da opera de Hervé.

O sexo fraco, nas tres ou quatro iniciações... de vestuar a que tem de proceder durante a representação, apresenta um *éclat luxuoso*, que nos transporta aos tempos felizes do *Barbe Bleue* e da *Grande Duchesse*.

O scenario cuidadosamente augmentado pelo scenografo André, a quem se deve *in toto* a vista do 2º acto e *in partibus* as dos outros dois, concorre muito para o efecto geral da *mise en scene*.

A par destes attractivos, não deixemos ficar esquecida a entrada de um elephante azul ao qual se deve, em parte, o esplendido golpe de vista que oferece o *tableau des-tinado a fechar o espetáculo*.

Na interpretação nota-se bons vontade e zelo, cabendo a Mlle. Delmairy, a Rozier, Dubois e Roger justos e merecidos elogios não só pela execução da partecantante, como pelo modo porque encaram o lado comicó da peça.

Milo, Aimée veste-se com um príncipe, que dá na vista de todos, e o Sr. Dupont cada vez nos encanta mais os ouvidos com os sons alinhados do seu sympathetic órgão.

Em resumo: os *Turcos* agradaram, e enquanto se estende pelo Sr. Arnaud, que aí 15 deve achar-se no Rio de Janeiro, seguido por tres estrelas que não são só por certo as que por ali andam a assignar *publicações a pedido e versos de pé enzo*, não sei de outro espetáculo que melhore satisfaga as exigencias dos *habitantes australianos*, e que mais lucro dé à direcção do teatro francês.

Antes de deixarmos o Alcazar, amigo leitor, permita que lhe apresente o Sr. Gravenstein, musicó as direitas, mestre director como poucos, e rapaz modesto como nonhium. O homem faz *beneficio* na proxima semana, levando á cena a *Zilda*—opera de Flotow—e pede-lhe que acelte uma *salle*.

O leitor, que de ho ha muito sympathiza com o intelligente chefe da orchestra, acelte com prazer o bilhete

offerido, e saboreia de antemão as omoções que vai ter perante a musica do inspirado autor de *Martha*.

Voltaremos agora a nossa atenção para a Companhia Lyrica que, finalmente, se acha entre nós, prompta a estrear-se no *Guilherme Tell*, de Rossini.

Saudem... os cantores já conhecidos do nosso público, e vejamos se os outros justificam a reputação de que vêm precedidos.

Louvemos o modo porque Ordinas soube preparar o terreno, onde a companhia tem de exhibir os seus espetáculos, enfotando vistosamente o teatro D. Pedro II, presidiendo à pintura das telas novas que tem de sorvir durante a estação teatral, e chamando a si professores d'orquestra de morito não equivoco; e dada esta notícia aos verdadeiros amadores da scena lyrica, sigamos avante.

Parando alguns momentos no Gymnasio, corre a nós o emprevisor Valle, de rosto prezentório e rubicundo, alegrô como uma paschor, mais foliz que um candidato em vespuras de ganhar a eleição, e diz-nos:

Não sabem? Venha aí o Taberló, o actor comic por excellencia, a perola dos theatros de Lisboa e Porto, o homem que faz rir a bairradas despregadas celhas, molas e cravas. Preparem-se para aplaudir a raler, assim como eu, já estou preparado para receber o grande actor, como ele o merece...

Terminaria aqui o nosso passeio pelos theatros, amigo leitor.

Agradecendo-lhe tão amavel companhia, permita-me que lhe falle agora dos quadros do Sr. Fachinotti, expostos no salão da praça do Commercio.

Representam essas telas :

A ruas das Palmeiras, no Jardim Botanico.—paysagem do que é proprietário o Sr. Russel Shaw.

Vista romântica do alto da Ladeira de Carralho de Sá, quadro encantadorido pelo Sr. Roberts.

A praia de Benfogo tomada do cíes do morro da Viúva, encantadora do Sr. J. Holcombe.

Fachinotti attended, sobretoito, no seu trabalho artístico, os efeitos de luz, copiando-os com a verdade que nos apresenta a esplendida natureza americana, e conseguiu fazer tres quadros, que dão ao estrangeiro exacta noticia das bolozas do nosso terraço, e no pintor os crodítos que do dia para dia se lhe vão aumentando.

Duas perguntas agora, para terminar :

— Gosta o leitor de mesa opípara e succulenta?

Visite o restaurante Mangini situado à rua da Carioca n.º 132, poça à lista, escolha o que lhe parecer mais delicioso, o passe-moço depois um *sabão* em rega, se do lá não sahir lambendo os belfos.

— Precisa comprar perfumarias, modas, ou artigos de armario? I

Espera pela proxima abertura do estabelecimento dos Srs. Aragão & Irmão, na rua do Ouvidor n.º 41, onde, a par de um sortimento novo e esculhido a dedo, encontrará certa astabilidade de mandorras o promptidão de serviço, muito agradável aos que compram o essencialmente preciso aos que vendem.

O distinto poeta Carlos Ferreira ofereceu à redacção deste somanario um exemplar das suas *Rosas Inveras*.

Agradeço a oferta, não me furto ao desejo do foli-

cilar o autor pelas belzezas que ornam as paginas do seu livro.

Embora nunca ou soubesse fazer versos, gosto de ler, especialmente, os que são bons. E os do Sr. Carlos Ferreira parecem-me estar nesse caso.

A. de A.

Ernesto Rossi

FRRU LUIZ DE SOUZA

Ha manifestações soberanas do genio, asombrosas maravilhas da arte, que amesquinhava a palavra humana a qual só palidamente pôde exprimir as intimas impressões que recebemos, a recordação que deixaram em nosso coração e em nosso espírito.

Neste caso está a representação do *Frei Luiz de Sousa*, drama de Almeida Garrett e o mais brilhante florão da literatura dramática portuguesa.

Hoje, que nos vimos a admirarmos o desempenho de Rossi na interpretação desta obra immortal, perguntamos a nós proprios, porque incomprendível malogro do talento, o grande artista, que fez o papel de D. Manuel de Sousa, não só reproduziu com toda a mestria as sensações e as terríveis angustias porque passava na tremendas situações aquella grande tragédia, mas nos representou tão próprio e tão natural, apesar da diferença do idioma, o tipo completo, cavallieresco e severo do antigo e nobre português?

Os papéis, ou antes os personagens re-ivivos por Ernesto Rossi, no imenso, variado e riquissimo repertório que dispõe, não só apêndio o fruto de sua elevada e fecunda inspiração artística, são mais que isso; são um estudo profundo, o resultado da mediata histórica, da transcendentem philosophia dos caracteres humanos, do um conjunto de observações que honram a sua consciência de literato e de artista.

A representação do drama de Garrett por tão celebre actor, é uma data gloriosa para as lettras portuguesas. O geno e a lingua italiana vincularam mais uma aliança parentesca com o gênio e o idioma de Camões.

O que Rossi fez nesses duas noites, auxiliado pela Sra. Paladini e pela sua inteligente companhia, não se pôde circunscrever nos limites de uma critica passageira, nem resumir em meia duzia de phrasas admiráveis; é preciso ser visto, sentido, admirado, aplaudido pelo espectador olfegante do omegão, o arrobatado até as lagrimas por effuso daquelles dolorosos e supremos traços.

Rossi não pôde duvidar da cordial e sincera admiração daquelles que todas as noites o vão ouvir, attrahidos pela magnetica sympathia de su talento, os seus apreciadores constantes, entre os quais estão alistados todos os representantes da imprensa fluminense; mas é força dizer, deve ter sentido não vor assistir a essas sublimes representações, nas quais presta tão eloquente homenagem à literatura portuguesa, crescido numero de espectadores, significando também uma dupla homenagem ao mérito do artista e à gloria das lettras portuguezas.

Rossi é um astro luminoso que atravessa momentaneamente o nosso horizonte da arte.

Adoramos este astro, cuja luz focunda, como toda a que nos vem do céu, ao passo que nos ilumina o espírito, nos suavisa e melhora o coração.

ZALUAR.

Ernesto Rossi.



HAMLETO

Scena do Comitório. (Tragédia de Shakespeare.)